



15 anos sem Ayrton Senna

FOTOS: ARQUIVO / DIVULGAÇÃO

• No dia 1º de maio de 1994, o Brasil perdeu, em um grave acidente, seu maior ídolo

Renato Salles

renato.salles@jfhoje.com.br

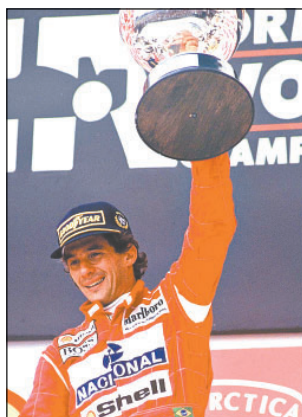
Amanhã completam 15 anos da manhã mais triste do esporte nacional. Em 1º de maio de 1994, domingo, os brasileiros acordaram para torcer por um piloto que sempre garantia nosso sorriso e empunhava a bandeira verde e amarela mundo afora. Mas, naquele dia, a história derapou, saiu da pista e nos castigou com a morte de Ayrton Senna da Silva: o maior ídolo do automobilismo mundial.

Mesmo após o fenômeno Schumacher, Senna continua intangível no posto de "deus" das pistas. E a morte, no exercício de seu ofício, de sua paixão, só contribuiu para transformar o homem em mito.

TRAJETÓRIA

Paulistano, o piloto nasceu no dia 21 de março de 1960 e, se estivesse vivo, estaria com 49 anos. Quando garoto, ganhou seu primeiro Kart - batizado de 007, passo inicial para a consumação do ídolo: Senna, Ayrton Senna. Aos 13 anos, já competia oficialmente e vencia em sua estreia em Interlagos. Quatro anos depois, conquistou o Campeonato Sul-Americano de Kart, sua maior conquista na modalidade.

Em 81, na Fórmula Ford Inglesa conquistou o primeiro título europeu. Como nas pistas, sua carreira era mais rápida a cada volta. No ano seguinte, veio a Fórmula Ford



• Na McLaren, Senna foi tricampeão, mas já fazia história desde os tempos de Lotus



2000 e os títulos Inglês e Europeu. Em 83, na Fórmula 3, nenhuma novidade e mais um campeonato.

FÓRMULA 1

Em 84, Senna começou na Fórmula 1 na modesta Toleman. No GP de Mônaco, o primeiro indício do gênio. Debaixo de muita chuva, o carrinho da Toleman suplantava todos e só não venceu porque a prova foi cancelada quando Senna se aproximava do líder Alain Prost, eterno rival.

Em 85, na charmosa Lotus preta, o brasileiro venceu sua primeira prova na F1, em Estoril, Portugal. A partir daí, boas apresentações e algumas vitórias garantiram uma vaga na McLaren, em 88.

TRICAMPEONATO

Em seu primeiro ano na nova equipe, Senna estreou em Jacarepaguá, no GP do Brasil. Foi pole position, mas acabou desclassificado. Em seguida, venceu o - maldito - GP de San Marino. E depois Canadá,

EUA, França, Inglaterra, Alemanha, Hungria, Bélgica e, por fim Japão. Assim, Ayrton colocou Prost no bolso e venceu seu primeiro mundial de F1.

No ano seguinte, Senna queria o bi, mas Prost estava mordido. Na penúltima etapa do ano, Senna precisava vencer no Japão para seguir com chances no campeonato. Ele e Prost duelaram do início ao fim, mas o francês jogou o carro para cima do brasileiro e provocou uma batida. Senna foi para os boxes, trocou o bico, e ainda venceu a prova, porém, acabou desclassificado e o "professor" ficou com o título.

Em 90, a revanche. Mais uma vez, a decisão seria no Japão, só que agora, Senna poderia bater em Prost para garantir a taça. Assim, Ayrton forçou o choque com o "professor": vingança e bicampeonato consumados.

Em 91, o rival da vez era Nigel Mansell. Senna venceu as quatro primeiras etapas e disparou. Novamente, o Japão decidiria. O Leão precisava vencer e pressionava Senna. Forçou tanto que passou reto na curva e viu Ayrton consagrar-se tricampeão na F1.

Em 94, história de conquistas é precocemente interrompida

Após duas temporadas - 92 e 93 - onde Senna não conseguiu segurar a força das Williams no braço e Mansell e Prost, respectivamente, se sagraram os campeões, Ayrton acertou sua transferência para o time de Frank Williams para a temporada 94.

Contudo, os problemas começaram quando a FIA anunciou mudanças no regulamento. Na primeira etapa, no Brasil, foi pole. Entretanto, teve problemas, rodou e abandonou a prova. O vencedor foi Schumacher, então na Benetton, que começava ali seu império. Na segunda prova, o GP do Pacífico, a história se repetiu. Ayrton foi pole, abandonou e Schummy venceu.



• Tamburello tirou de cena o maior ídolo da F1

TAMBURELLO

Na terceira etapa, em Ímola, a nuvem preta não deixou os céus durante o final de semana do - maldito - GP de San Marino. Na sexta, Rubens Barrichello bateu forte. No

sábado, foi a vez do austríaco Roland Ratzenberger perder o controle e entrar no muro. Acidente fatal que perturbou Senna.

No domingo, a tragédia foi em verde e amarelo. Muito incomodado com o fim de semana macabro, Ayrton tentou suspender a prova, que acabou confirmada.

Um grave acidente na largada interrompeu a corrida. Na 7ª volta, Senna entrou na curva Tamburello, perdeu o controle da Williams, saiu reto da pista e da vida, frágil diante do concreto do muro e dos 300 km/h de velocidade.

O gênio emocionou pela última vez em vida. Todavia, o mito ainda encanta os aficionados pelo automobilismo mundo afora.

Manchester vence: 1 x 0

O Manchester United ficou perto da decisão da Liga dos Campeões ao bater o Arsenal por 1 a 0, ontem, em Old Trafford, pela ida das semifinais do torneio. O'Shea fez o único gol.

Com o resultado, o atual campeão precisa apenas de um empate no segundo jogo para chegar à sua segunda final seguida. O confronto de volta acontece na próxima terça-feira, no Emirates Stadium, em Londres.

TRIO INFERNAL

A intensa movimentação do trio ofensivo do Manchester ditou o ritmo do primeiro tempo. Apesar de fechado, o Arsenal não conseguiu acompanhar Tevez, Cristiano Ronaldo e Rooney. Ora no meio, ora nas pontas, os três mandaram no jogo.

Não fossem as grandes defesas de Almunia, o time da casa poderia curtir o intervalo com uma goleada no placar. Mas, a bola só entrou uma vez: aos 17 minutos, Silvestre cortou mal um chute cruzado de Carrick e deu presente para O'Shea abrir o placar.

ESPAÇO REDUZIDO

A marcação do Arsenal melhorou na etapa final, ao reduzir os espaços e acompanhar a movimentação dos adversários. Com mais roubadas de bola, os londrinos passaram a criar chances em contra-ataques. Adebayor, aos 17, chutou com muito perigo.

As chegadas do time de Arsene Wenger aceleraram o ritmo do jogo. Os dois técnicos abriram suas equipes e a partida ganhou emoção. Giggs chegou a marcar para o Manchester aos 33, mas o árbitro assinalou impedimento.

Nos minutos finais, o jogo aberto se transformou em correria. Desorganizadas, as equipes não conseguiram mais criar boas chances.